



A oralização por meio da leitura de poemas: estratégias de ensino-aprendizagem

Trabalho de Conclusão de Curso submetido ao Curso de Graduação em Letras Português e Espanhol – Licenciatura, UFFS, Campus Chapecó, como requisito parcial para aprovação no CCR Trabalho de Conclusão de Curso II.

Orientador Prof. Dr. Luciano Melo de Paula

Este trabalho de conclusão de curso foi defendido e aprovado pela banca em: 12/12/2022.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Luciano Melo de Paula (UFFS)

Prof.ª Dra. Aline Cassol Daga Cavaleiro (UFFS)

Prof.ª Me. Juliana Gorczveski Rabaioli (UNOCHAPECÓ)

A oralização por meio da leitura de poemas: estratégias de ensino-aprendizagem¹

Claudia Araujo Silva²

claudiaraujosilva@hotmail.com

RESUMO: A Base Nacional Comum Curricular (2018) apresenta a oralidade como uma das habilidades de enorme relevância no contexto escolar, sendo preciso um olhar atento quanto aos métodos utilizados para o seu desenvolvimento dentro da sala de aula. Somando-se a isso, a literatura possibilita que o indivíduo desenvolva reflexões, pois desperta no sujeito suas emoções e amplia sua visão de mundo. Diante desta perspectiva, a literatura apresenta-se como facilitadora no desenvolvimento da oralidade. Dessa forma, o presente trabalho aborda o ensino de literatura na educação básica como ferramenta para o desenvolvimento da oralidade e centrou-se na realização de uma oficina de leitura de poemas em voz alta executados por alunos que integram o Ensino Fundamental II. Como objetivos específicos foram utilizadas estratégias metodológicas de ensino-aprendizagem a fim de desenvolver a oralidade através da leitura de poemas, bem como promover a oralização por parte dos estudantes por meio de declamação de poemas utilizando-se da entonação, interpretação, ritmo, pausas, rimas, instigando-os a desenvolverem sentidos, ampliando sua compreensão de si e do mundo. Para dialogar com o tema proposto foram abordadas contribuições de Medeiros (2007); Oliveira (2011); Freitas, Teixeira e Machado (2016); Fernandes (2015) e Santos e Abud (2020). Percebeu-se que esse espaço da oralidade e a criação de jogos de sentidos que a literatura possibilita é pouco frequente na sala de aula. Com essa proposta busca-se estimular os docentes e futuros profissionais docentes a tornarem presente em suas aulas a prática da oralidade, instigando os alunos a terem melhor desenvoltura em todos os contextos sociais.

PALAVRAS-CHAVE: Oralidade. Leitura de poesia. Ensino de literatura.

Introdução

Desde a infância o indivíduo já estabelece interação em distintas situações cotidianas, inicialmente através de gestos, olhares e com o tempo cria e utiliza uma variedade de outros recursos. Durante seu desenvolvimento, ao adquirir uma língua materna, o aumento de seu vocabulário e materialização da fala possibilita um melhor aproveitamento da oralidade e conseqüentemente sua aprimoração (SANTOS; ABUD, 2020). É nesse estágio de desenvolvimento que a escola, responsável pela formação de estudantes protagonistas, deve contribuir de maneira efetiva dentro e posteriormente fora da sala de aula, dispondo de estratégias de ensino-aprendizagem a fim de possibilitar o desenvolvimento cognitivo do aluno em vários aspectos, resultando em uma boa performance no meio social no qual estará inserido.

¹Trabalho de Conclusão de Curso submetido ao Curso de Graduação em Letras Português e Espanhol – Licenciatura, UFFS, *Campus* Chapecó, como requisito parcial para aprovação no CCR Trabalho de Conclusão de Curso II. Orientador Prof. Dr. Luciano Melo de Paula.

² Acadêmica da 10ª fase do Curso de Graduação em Letras Português e Espanhol – Licenciatura, UFFS, *Campus* Chapecó.

De acordo com a Base Nacional Comum Curricular (2018), a oralidade é uma das habilidades prescritas em seu *corpus* de suma importância no contexto escolar e precisa ser desenvolvida de maneira a contribuir para que o sujeito se torne um falante participativo e crítico na sociedade em que vive. Entretanto, embora a oralidade esteja presente nas salas de aulas, em muitas situações, é pouco explorada enquanto atividade didática, ficando a cargo, na maioria das vezes, como instrumento de verificação a respeito da dicção do aluno (OLIVEIRA, 2011), neste caso, é atribuído a ela um segundo plano em relação à escrita. É importante ressaltar que ambas as habilidades possuem seu grau de importância durante a jornada escolar do estudante, tendo isso em mente, uma não deve anular ou ocupar um lugar de destaque em relação a outra.

A oralidade é a modalidade da língua que permite a aproximação do aluno leitor em formação e o texto poético. Através da poesia, o aluno torna-se capaz de compreender textos mais complexos, pois, constrói significados de acordo com seu imaginário e novas percepções de mundo. Contudo, atualmente, é comum vermos disponibilizados nas escolas de ensino básico livros didáticos que trazem essa temática, porém, utilizam a poesia em uma abordagem de cunho pragmático a fim de elucidar aspectos no uso de fonemas e grafemas. Essa prática, traz consigo roteiros prontos com respostas já pré-estabelecidas, que segundo Oliveira (2011, p. 280, “o aluno deve acertá-la, mostrar que entendeu, que dominou o texto, que adequou a uma compreensão preestabelecida”, este movimento invalida totalmente o sentido real do texto poético e priva o leitor do contato mais íntimo com a poesia.

No ambiente escolar, para que o ensino de literatura seja efetivo, faz-se necessário a criação de um espaço de possibilidades “provocada pelos jogos de sentidos, por deslocamentos, desvios – esse lugar escorregadio que pode, muitas vezes inadvertidamente, pegar o leitor de jeito, provocante nele transformações” (OLIVEIRA, 2011, p.282) e o fazendo encontrar novos caminhos. O poema é capaz de ampliar a consciência do leitor e para que isso ocorra é preciso que este tenha meios de construir experiências com a leitura de maneira precisa, compreendendo seu ritmo, entonação e produzindo suas reflexões.

Nessa perspectiva, o presente trabalho configura-se como uma proposta de ensino de literatura, através da realização de uma oficina de leitura de poemas lidos em voz alta, objetivando desenvolver a oralidade de alunos da educação básica que integram o Ensino Fundamental II. Na busca de efetivar esse trabalho, foram colocadas em prática estratégias metodológicas de ensino-aprendizagem como maneira de realçar a importância de aspectos como entonação, ritmo, rimas, pausas, dentre outros, buscando constatar como essas ações podem contribuir significativamente para a construção da criança leitora e conseqüentemente

com o seu aperfeiçoamento da oralidade. Além disso, busca-se estimular cada vez mais os docentes a tornarem a prática da oralidade presente na sala de aula, instigando os alunos a terem uma melhor desenvoltura em todos os contextos sociais e os aproximando progressivamente do texto poético.

Como maneira de promover melhor compreensão quanto à organização deste trabalho, o artigo será organizado em cinco seções, além desta introdução. Na primeira seção, iniciaremos apontando a importância da literatura como instrumento no desenvolvimento da oralidade, nesta ocasião abordando as contribuições do aporte teórico utilizado. Em seguida, na segunda seção, será apresentado os procedimentos metodológicos que constituem esta proposta de ensino. Depois, na terceira seção, descreveremos os quatro encontros realizados durante o desenvolvimento da oficina de leitura de poemas, seguido pela análise dos resultados em que evidenciaremos alguns aspectos observados, as quais estarão na quarta seção deste artigo. Por fim, nas *Considerações Finais*, refletiremos acerca dos resultados analisados e das contribuições que esta proposta propõe.

1. A literatura como instrumento no desenvolvimento da oralidade

A oralidade está presente nos diferentes contextos sociais e discursivos, e antecede a escrita desde os tempos antigos. Ao nascermos, chegamos dotados dessa capacidade de comunicação e o seu desenvolvimento ao longo de nossa vida também ocorre de maneira natural por meio de interações. Nessa perspectiva, a literatura caracteriza-se como grande aliada nesse processo de desenvolvimento da oralidade. Em seu artigo, Medeiros (2007) aborda questões acerca da oralidade como sendo inerente à contextualidade e convivência coletiva, dessa forma, uma cultura que se torna adepta à oralidade e por ela é marcada tende a prezar experiências coletivas, o que por sua vez difere da escrita.

Segundo Medeiros (2007), a escola há muito tempo cultiva a ideia de que a aquisição e o aprimoramento da escrita são o foco principal a serem desenvolvidos durante a jornada escolar do estudante. Essa postura cria dois mundos distintos, uma vez que os contextos sociais escolar e familiar podem divergir entre si. Na escola, o aluno tende a mostrar o que aprende através da escrita, sendo valorizado pela forma que escreve e pela adequação às normas, já fora do contexto escolar o estudante está exposto a diversas situações interativas, sejam elas através de jogos online, conversações por telefones - e hoje, com a modernização, por áudios de WhatsApp, fazem uso frequentemente da oralidade. Torna-se evidente que a oralidade, e não a escrita, é a maneira natural do ser humano expressar-se.

Essa atitude da escola, segundo Fernandes (2015) se dá ao fato de que a oralidade já é uma característica dominada pelo aluno, e ao adentrar ao ambiente escolar seu aprimoramento é visto como desnecessário. Entretanto, é neste espaço que a oralidade precisa ser vista para além de momentos de conversas e discussões a respeito do dia a dia. Faz-se necessário abordagens de contextualização quanto aos gêneros orais trabalhados em sala e metodologias que proporcionem ao aluno desenvolver a oralidade de maneira efetiva, a fim de contribuir para o seu desenvolvimento no âmbito da oralidade.

Essa temática, conforme Freitas, Teixeira e Machado (2016), há muitos anos vem sendo discutida e infelizmente pouco realizada enquanto atividade didática. Nesse sentido, a oralidade perde seu lugar perante as relações entre os indivíduos e tem-se esse espaço preenchido pelas mídias e dispositivos eletrônicos que colaboram para uma nova maneira de comunicação, e que, segundo as autoras, produzem um novo desafio para a escola no que diz respeito à conscientização dos alunos quanto à importância da oralidade. Para as autoras, “por ser um fator identitário, a fala torna-se um instrumento para o trânsito nas diferentes esferas sociais e ajuda no desenvolvimento da escrita e da formação cultural.” (FREITAS, TEIXEIRA, MACHADO, 2016, p. 202) ou seja, apesar de ser colocada, muitas vezes, em segundo plano, a oralidade é uma grande aliada no desenvolvimento de outras habilidades.

Nesse cenário, em que a oralidade se centra como uma das habilidades valiosas para o desenvolvimento do aluno, a literatura permite que ele ressignifique seus sentidos de ver o mundo e contextos que integra. Em vista disso, Santos e Abud (2020) reforçam a ideia de que a utilização de poemas na sala de aula, além de um instrumento de comunicação, torna-se um objeto de suma importância para o ensino-aprendizagem, pois, possibilita condições de apreciação, melhor compreensão e reprodução dentro e fora do contexto escolar, e ainda aproxima, de maneira mais afetiva, o leitor em formação do texto literário.

À escola, por sua vez, compete a tarefa de auxiliar seus alunos a desenvolverem um contato frequente com a literatura, colaborando para sua formação leitora. Sendo assim, é preciso disponibilizar aos educadores estratégias metodológicas, como abordadas neste projeto, de maneira a somar com a aprendizagem do aluno, pois, sendo um agente mediador, provocará no aluno interesse em compreender o texto, senti-lo de maneira mais direta e expressar-se oralmente com liberdade e de forma objetiva, posto isso, Freitas, Teixeira e Machado (2016, p.204) reiteram que para que essa tarefa tenha resultados “o professor terá que criar situações reais de fala, para que a linguagem oral evolua dentro das possibilidades de cada aluno”.

Neste processo do trabalho da oralidade na sala de aula vinculada ao ensino de literatura, muitas são as possibilidades de melhor desenvolvê-la, neste projeto, abordaremos estratégias que possibilitem ao aluno participar ativamente da atividade na qual propomos leitura de poemas em voz alta, possibilitando experiências referente à língua, proporcionando ampliação de conhecimentos, melhor desenvoltura corporal, entonação, ritmo, dentro outros aspectos. O desenvolvimento desta habilidade tem grande impacto quanto ao processo formativo e educativo do estudante e propor maneiras de ampliá-la é essencial para que ele seja um sujeito ativo na sociedade na qual está imerso.

2. Metodologia

Nesta seção apresentaremos os procedimentos metodológicos que constituem nossa proposta de ensino.

O projeto foi desenvolvido durante quatro encontros de 2h/aula cada, realizado em uma turma do oitavo ano, composta por oito estudantes que fazem parte do Ensino Fundamental II, no período matutino, da escola EBM Severiano Rolin de Moura, integrante da rede municipal da cidade de Chapecó, Santa Catarina. Os alunos apresentaram interesse significativo quanto à proposta do trabalho que seria desenvolvido e quanto ao seu desenvolvimento, ocorreu a partir da execução de uma oficina de leitura de poemas lidos em voz alta, no período vespertino no contraturno às aulas dos estudantes.

A proposta de ensino para este projeto seguiu modelo semelhante ao de Buarque e Valadão (2010), entretanto, foram realizadas algumas adaptações, visto que a oficina ministrada por estes era destinada à formação de oficinheiros. Sendo assim, a proposta apresentada consiste em desenvolver um planejamento de estratégias metodológicas de ensino-aprendizagem que têm como finalidade possibilitar o desenvolvimento da oralidade através do ensino de literatura por meio de uma oficina de leitura de poemas em voz alta, uma vez que

A leitura em voz alta é uma maneira de incorporar a experiência da leitura literária, de oportunizar um contato efetivo com as obras, ou seja, trata-se de uma experimentação no próprio corpo, mais especificamente, na voz, da palavra do outro, escrita e inscrita na obra. (OLIVEIRA, 2011, p. 285)

Os poemas utilizados e lidos durante os encontros das oficinas foram “Trem de ferro”, “Meninos carvoeiros”, de Manuel Bandeira; “Paraíso”, “Raridade”, “Convite”, de José Paulo Paes; “Leilão de jardim”, “O mosquito escreve”, “Colar de Carolina”, “Ou isto ou aquilo”, de Cecília Meireles; “Campeonato”, “Cantigas por um passarinho à toa”, de Manoel de Barros;

“Bilhete”, “Canção da garoa”, “Esperança”, de Mário Quintana; e “Vaca amarela”, “A semana inteira”, “Guaraná com canudinho”, “Os dentes do jacaré”, “Pintando o sete”, de Sérgio Capparelli, todos poetas brasileiros, que destacam-se pela sonoridade e propõem temáticas lúdicas evidenciando o humor, realizando jogo com as palavras, resgatando vivências da infância e abordando contextos que proporcionam o desenvolvimento da oralidade através da expressão de sentimentos e discussões, pois reitera Oliveira (2011)

A leitura vocalizada faz com que o sujeito se flexibilize, dê voltas em torno de si, (re)inaugurando sentidos em suas leituras de mundo, das próprias palavras e de si mesmo. O sujeito revisita-se na vocalização, tanto por entrar em contato com um texto quanto por ser esse um momento de experimentação do próprio corpo. (OLIVEIRA, 2011, p. 287)

Durante o primeiro momento, foi realizada uma leitura mais livre, com o objetivo de que os alunos pudessem familiarizar-se com o ambiente e, mais adiante, foram colocadas em prática as ações propostas, estas relacionadas às metodologias elaboradas para o desenvolvimento eficaz da oralidade no ensino de literatura, usando recursos de textos poéticos a fim de que os alunos entendessem seus sentidos e, além disso, que essas estratégias de ensino possam contribuir significativamente como material complementar para que docentes e futuros profissionais docentes desenvolvam um novo olhar em relação a esta habilidade tão importante quanto necessária.

3. Descrição das atividades

O contato com os estudantes se iniciou muito antes do início dos encontros da oficina. Semanas antes, em acordo com a escola, conversei com os alunos na sala de aula para convidá-los a participarem da oficina e apresentei o objetivo para o desenvolvimento deste trabalho. Neste primeiro contato, conversamos sobre o curso de Letras, a Universidade, os objetivos deste trabalho, para o que ele se destina e que iríamos partir da leitura de poemas como maneira de desenvolver a oralidade, estes lidos em voz alta, colocando em prática diversas estratégias de ensino-aprendizagem como maneira de realçar alguns aspectos como entonação, ritmos e outros.

Em seguida, foram informados que a oficina seria organizada em quatro encontros, um por semana, durante o final de junho e início de julho de dois mil e vinte e dois. Para que pudessem participar dos encontros, os alunos receberam uma folha de inscrição impressa e os pais ou responsáveis deveriam assiná-la, autorizando o aluno a deslocar-se até à escola no contraturno de suas aulas regulares. Fizemos alguns combinados a respeito do retorno para recolher as inscrições e em relação a data de início da oficina.

No retorno à escola para recolher as inscrições, algumas mudanças quanto ao público alvo passaram por adaptações. A proposta inicial deste projeto de ensino consistia em abarcar todas as séries que compõem o Ensino Fundamental II, ou seja, sexto, sétimo, oitavo e nono ano, no entanto, somente sétimo e oitavo realizaram a devolutiva das inscrições assinadas por seus responsáveis e ainda, quanto a frequência dos estudantes nos encontros da oficina, somente estudantes do oitavo ano frequentaram regularmente todos os encontros.

Dois aspectos quanto a esse processo inicial chamaram bastante atenção. O primeiro refere-se ao fato de que, no momento da ida até as salas de aulas para realizar o convite aos alunos para participarem da oficina, a presença do(a) professor(a) de Língua Portuguesa e o seu incentivo, causou maior interesse nos alunos a participarem dos encontros da oficina, em específico os estudantes do oitavo ano, enquanto nas demais salas de aula, visto que o professor que lecionava não era de Língua Portuguesa e o que este não motivou os alunos, teve uma reação contrária. Entretanto, é papel do professor encorajar seus alunos a vivenciar novas experiências, participando de novas atividades e desenvolvendo-se socialmente nas interações.

O segundo aspecto observado se deu a respeito da importância do papel da família na parceria da aprendizagem do aluno e o quanto esse incentivo por parte do ambiente familiar é importante para que o estudante se sinta motivado a participar de atividades como esta, principalmente quando são abordadas temáticas a respeito da oralidade e a ausência de sua importância e desenvolvimento na sala de aula. Diante dessa perspectiva, conclui-se que o ambiente familiar é uma das instâncias referência na vida dos estudantes, desde a infância é a primeira a contribuir no processo de formação do indivíduo

Dessa maneira, é essencial que a família participe ativamente no dia a dia de seus filhos, principalmente em questões escolares, pois a harmonia entre esses dois núcleos, família e escola, promoverá maior interesse e segurança quanto ao processo de desenvolvimento da aprendizagem do estudante. Apesar de óbvio que família e escola devem caminhar juntas, pouco se vê esse sistema sendo colocado em prática. Diante disso, faz-se necessário uma melhor comunicação entre essas duas instâncias a fim de acompanharem o desenvolvimento educacional dos estudantes/filhos.

Após essas observações pontuais, a seguir, será apresentada a descrição dos quatro encontros, de 2h/aula cada, que ocorreram durante o período de execução da oficina, evidenciando aspectos observados em cada um dos encontros.

3.1 Primeiro encontro

Neste primeiro encontro da oficina com duração de 2h/aula, iniciamos com um momento de socialização, realizando uma breve apresentação. Neste momento, como maneira de estimulá-los, iniciei me apresentando, falando meu nome, reforçando informações que já havíamos conversado em sala no momento da realização do convite, sobre a UFFS, sobre os objetivos do desenvolvimento da oficina e o que seria colocado em prática naquele primeiro encontro e também nos posteriores. Após isso, os alunos também se apresentaram, falaram seus nomes, suas idades, quais suas atividades favoritas e sobre suas expectativas em relação a frequência nas aulas da oficina. O perfil dos participantes era bem heterogêneo, composto por quatro meninas e quatro meninos, dentre eles um venezuelano.

Depois da apresentação, foram disponibilizadas apostilas para serem usadas em todos os encontros. O material didático desenvolvido foi estruturado da seguinte maneira. Primeiramente, pela *Apresentação*, que trazia uma saudação ao estudante, seguida de uma retomada do objetivo do desenvolvimento das aulas, desenvolver a oralidade através da leitura de poemas em voz alta. Em seguida, uma explicação das características que compõem o texto poético e sua estrutura, como as noções do que é *Literatura e Poema*, e discussão dos termos que fazem parte da construção do poema como *Rima, Estrofe, Verso* todos seguidos por uma definição. Após esta primeira parte introdutória, seguia-se com a exposição dos poemas escolhidos.

Para iniciar, partimos das perguntas “O que é literatura?” “Qual sua relação com a poesia?” Esse momento foi importante para perceber sobre as noções dos alunos em relação à temática, porém poucos souberam responder. Em seguida, abordamos os conceitos introdutórios que compõem a apostila sobre o que é literatura, poesia, rima, estrofe, verso e outros aspectos. Os alunos demonstraram bastante interesse em conhecer mais e todos contribuíram expressando, mesmo que timidamente, suas primeiras impressões sobre os pontos comentados. Conversamos também sobre os poetas escolhidos e o porquê dessa escolha. A maioria dos poetas selecionados não era de conhecimento dos estudantes, com exceção de Mário Quintana. Em relação a esse poeta, nesta ocasião, alguns dos alunos puderam resgatar em suas memórias lugares que teriam relação com os poetas, como por exemplo a casa de cultura de Mário Quintana, na cidade de Porto Alegre, no Rio Grande do Sul.

Após esse momento de socialização e aproximação dos estudantes, iniciamos a leitura dos poemas que foram organizados em dois momentos. No primeiro momento, foram

destinados alguns minutos para que realizassem o reconhecimento dos poemas através de uma leitura silenciosa. A realização dessa primeira etapa ocupou mais tempo do que o planejado, visto que os estudantes apresentavam dificuldade de concentração e sempre migravam sua atenção para outros assuntos fora da temática da aula e por isso era necessário sempre chamá-los atenção para que voltassem à atividade. No segundo momento, foi feita a leitura individual dos mesmos poemas, agora em voz alta.

Iniciamos com o poema “Trem de ferro” de Manuel Bandeira.

Café com pão
Café com pão
Café com pão
Virge Maria que foi isso maquinista?

Agora sim
Café com pão
Agora sim
Voa, fumaça
Corre, cerca
Ai seu foguista
Bota fogo
Na fornalha
Que eu preciso
Muita força
Muita força
Muita força [...] (BANDEIRA, 1983)

Foi solicitado que um dos estudantes se voluntariasse para iniciar a leitura em voz alta do poema, porém os alunos entreolharam-se como se o intuito fosse incentivar o colega ao lado para realizar a leitura, abstraindo de si essa ação. A primeira leitura deste poema, com interrupções de outros estudantes rindo de alguns versos, foi realizada de maneira totalmente apressada. O que julgamos como normal, inicialmente, visto que o trabalho com a poesia é algo que demanda paciência e precisa que além da leitura, seja realizada também a releitura para que o estudante possa construir experiências com o texto literário e encontrar seu próprio ritmo. Perguntei se haviam palavras no poema que desconheciam e o que eles compreenderam a partir da leitura. Algumas das palavras destacadas foram “ingazeira” e “Ouricuri” e quanto a compreensão do poema os estudantes não apresentaram iniciativa para discutir a respeito.

Realizamos a releitura do mesmo poema, desta vez lido em voz alta por outro estudante e perguntei-lhes novamente sobre o que aborda o poema. Algumas palavras como “trem”, “viagem”, foram surgindo e assim fomos construindo reflexões relacionando-as com o que conhecemos sobre trem e o que é preciso para que este funcione, destacando também alguns pontos como atenção a musicalidade que o poema apresenta, a entonação da voz necessária para ler-se um poema e as imagens que foram possíveis criar durante a leitura.

Após essa discussão, seguimos com a leitura em voz alta do poema “Meninos carvoeiros”, de Manuel Bandeira. Os estudantes estavam curiosos quanto ao significado da palavra “carvoeiros”, mas combinamos de discutir sobre isso após a realização da leitura. Pedi novamente para que um dos estudantes realizasse a leitura em voz alta do poema, este ajeitou-se em sua cadeira e assim o fez.

Os meninos carvoeiros
Passam a caminho da cidade.
– Eh, carvoeiro!
E vão tocando os animais com um relho enorme. [...] (BANDEIRA, 1976)

Ao final da leitura, os alunos comentaram livremente sobre o que o poema apresenta em sua temática, porém todos começaram a expressar suas opiniões ao mesmo tempo e por isso tornou-se impossível compreender o que falavam. Organizamos para que todos pudessem falar, cada um em seu turno, e assim fomos discutindo sobre os aspectos presentes no poema. A temática causou um debate na sala, visto que segundo os estudantes é um assunto “bem reflexivo” pois aborda questões sociais referente ao trabalho realizado por crianças, enquanto que ao mesmo tempo a atividade dos “meninos carvoeiros” pode ser visto por alguns como uma brincadeira, considerando os versos “Apostando corrida, dançando, bamboleando nas cangalhas como espantalhos desamparados.” ou ainda que “as crianças nem tinha ideia de que isso era um trabalho”. Após a leitura e discussão deste poema, foi notável a participação dos estudantes na construção de opiniões e reflexão quando relacionam os versos com a realidade.

Continuamos com a leitura dos poemas, seguindo a mesma organização dos anteriores; leitura em voz alta feita por um dos estudantes e logo após uma conversa de maneira mais livre, elencando palavras desconhecidas e uma discussão breve para que pudessem construir suas opiniões iniciais a respeito do poema lido. Todos os participantes leram ao menos dois dos poemas selecionados e todos contribuíram, inicialmente de maneira mais retraída, levantando alguns pontos presentes no poema. Após isso, encerramos o primeiro encontro combinando que eles deveriam realizar a releitura dos poemas em casa para continuarmos nosso trabalho na semana seguinte.

3.2 Segundo encontro

No início do segundo encontro, os alunos foram lembrados sobre o que foi visto na semana anterior. Os alunos estavam bem agitados e isso dificultou para que se mantivessem concentrados no objetivo do encontro. Aguardamos um pouco e perguntei se realizaram a releitura dos poemas em casa. Dos oito participantes, apenas dois cumpriram o combinado.

Várias justificativas como “tive que ajudar minha mãe”, “bastante atividades escolares das disciplinas”, “provas”, “apresentação de trabalhos” surgiram, entretanto, seguimos com o planejado do segundo encontro.

Retomamos atentamente a leitura em voz alta dos poemas, observando os aspectos a respeito da entonação, rima, ritmo e as pausas presente no texto poético. Na leitura em voz alta do poema “Paraíso”, de José Paulo Paes, solicitei que um dos estudantes realizasse a leitura.

Se esta rua fosse minha,
eu mandava ladrilhar,
não para automóveis matar gente,
mas para criança brincar.

Se esta mata fosse minha,
eu não deixava derrubar.
Se cortarem todas as árvores,
onde é que os pássaros vão morar? [...] (PAES, 1990)

Ao iniciar, automaticamente o estudante leu como se cantasse e isso o chamou bastante atenção, pois relacionou-a com o fato de haver uma cantiga de roda com traços semelhantes ao poema, lembrando suas vivências da infância. Isso chamou atenção de todos e começaram a conversar sobre outras cantigas populares, o que também ocorreu durante a leitura do poema “Vaca amarela”, de Sérgio Capparelli.

Vaca amarela
fez cocô na panela,
cabrito mexeu, mexeu,
quem falar primeiro
comeu o cocô dela. [...] (CAPPARELLI, 2010)

Retornamos à leitura do poema “Paraíso” e ao final pedi para que falassem sobre suas impressões em relação ao poema. Perguntei-lhes sobre que aspectos que vimos no encontro anterior estão presentes no poema. Opiniões como “as palavras rimam”; “ladrilhar combina com brincar e derrubar combina com morar”; “ele fala sobre preservar a natureza” começaram a surgir e assim fomos conversando sobre a temática do poema, discutimos sobre como o poeta apresenta a natureza, seu ideal de paraíso e as mudanças que ele faria se tivesse oportunidade. Estas reflexões, proporcionaram que os alunos dialogassem sobre os impactos de nossas ações no meio ambiente, o desmatamento, a poluição e a caça aos animais. Este debate se intensificou ainda mais quando realizamos a leitura em voz alta do poema “Raridade”, também de José Paulo Paes, discutindo assuntos como a extinção de animais, como a arara presente no poema.

A arara
é uma ave rara
pois o homem não para
de ir ao mato caçá-la
para a pôr na sala
em cima de um poleiro
onde ela fica o dia inteiro
fazendo escarcéu
porque já não pode
voar pelo céu.

E se o homem não para
de caçar arara,
hoje uma ave rara,
ou a arara some
ou então muda seu nome
para arrara. (PAES, 1990)

Após a leitura do poema, os alunos chamaram atenção para as palavras “escarcéu” e “arrara” pois não conheciam seu significado. Além disso, evidenciaram a presença da musicalidade entre as palavras, a presença de rimas que proporcionam harmonia durante a realização da leitura e também a repetição dos sons, construindo uma espécie de trava-língua, observados também na leitura dos poemas “Colar de Carolina”, de Cecília Meireles e “Pintando o sete”, de Sérgio Capparelli.

Com seu colar de coral,
Carolina
corre por entre as colunas
da colina.
O colar de Carolina
colore o colo de cal,
torna corada a menina.

E o sol, vendo aquela cor
do colar de Carolina,
põe coroas de coral

nas colunas da colina. (MEIRELES, 2014)

Um pinguço pega o pito
e pita debaixo da pita.
A pita, com muita pinta,
pinta uma dúzia de pintos,
com pingos pretos de tinta. [...] (CAPPARELLI, 2010)

Os alunos riam, pois tinham que retomar a leitura algumas vezes, visto que cometiam alguns equívocos quanto à pronúncia das palavras. Encerramos o segundo encontro com ótimas reflexões sobre os poemas lidos, relacionando-os com as experiências pessoais dos alunos e utilizando a imaginação como ponte na criação de imagens e com isso aproximando o estudante do texto poético através dos relatos referentes às suas vivências. Combinamos de

retomar as leituras novamente no encontro da próxima semana, visto que o tempo já havia esgotado.

3.3 Terceiro e quarto encontro

Após lidos os poemas e refletido sobre a temática de cada um nos encontros anteriores, organizamos para que cada aluno escolhesse um dos poemas lidos e comentados e realizasse a leitura em voz alta, desta vez dramática/performativa colocando em prática as estratégias utilizadas em sala. A escolha dos poemas poderia se repetir e o poema que mais esteve presente durante esses dois últimos encontros foi “Bilhete”, de Mario Quintana.

Se tu me amas, ama-me baixinho
Não o grites de cima dos telhados
Deixa em paz os passarinhos
Deixa em paz a mim!
Se me queres,
enfim,
tem que ser bem devagarinho, Amada,
que a vida é breve, e o amor mais breve ainda... (QUINTANA, 2005)

Os alunos foram questionados sobre quais os motivos de gostarem tanto do poema, houve muitas respostas como “ele mostra o que eu sinto”, “fala sobre a importância das pequenas coisas”, “que não importa se a pessoa fala muito e não faz o que fala”. Nessa fase da adolescência, na qual é comum o período das paixões e amores que se espera que sejam eternos, a leitura desse poema possibilitou que os estudantes falassem sobre seus sentimentos, discutindo uns com os outros sobre suas ideias de amor e as ações que julgam importantes durante a fase em que o sentimento é presente. Por esses motivos, foi possível observar como a relação dos sentimentos se materializa quando realizada a leitura em voz alta, dessa forma o estudante conecta-se com o poema expressando-se também com o auxílio das expressões corporais, a modulação do tom de voz e falando como se sente através da poesia.

Outro poema lido pela maioria dos estudantes durante as declamações e performances dramáticas foi o “Leilão de jardim” de Cecília Meireles.

Quem me compra um jardim com flores?
Borboletas de muitas cores,
lavadeiras e passarinhos,
ovos verdes e azuis nos ninhos?

Quem me compra este caracol?
Quem me compra um raio de sol?
Um lagarto entre o muro e a hera,
uma estátua da Primavera? [...] (MEIRELES, 2014)

Este foi mais um dos poemas que os alunos associaram com “dar valor às coisas pequenas”, “olhar de maneira atenta para as coisas que parecem simples”, pois questionavam-se sobre como atribuir valores aos elementos presentes no poema, como “caracol”, “raio de sol” e “as flores do jardim”. Durante a realização da leitura em voz alta, portavam-se de maneira curiosa, refletindo sobre a importância que damos aos elementos que compõem o poema e ainda acrescentaram que para “o jardineiro que cuida do jardim essas coisas são muito importantes”. Continuaram na recitação dos poemas e um dos alunos realizou a leitura de “Guaraná com canudinho”, de Sérgio Capparelli.

Uma vaca entrou no bar
e pediu um guaraná.

O garçom, um gafanhoto,
tinha cara de biscoito.

Olhou de trás do balcão,
pensando na confusão.

Fala a vaca, decidida,
pronta pra comprar brigar:

– E que esteja geladinho
pra eu tomar de canudinho! [...] (CAPPARELLI, 2010)

Enquanto a leitura era feita, alguns dos alunos riam do que o poema apresenta, “isso parece algo absurdo”, diziam. A figura de uma vaca entrando em um bar para tomar guaraná era algo fora da realidade, e quem dirá tomar guaraná de canudinho. Dialogamos sobre o poder da literatura em proporcionar o afloramento da imaginação e que através disso, coisas que para muitos são absurdas, utilizando a imaginação tornam-se possíveis. Isso gerou várias indagações, “o gafanhoto tinha realmente cara de biscoito ou o formato de sua cabeça, por ser redonda, se assemelhava com um biscoito?”, várias interpretações foram sendo construídas e dialogadas. Todos os poemas foram lidos e relidos diversas vezes, e a cada leitura tinha-se uma nova maneira de realizá-la, além de novas observações quanto aos elementos que os compõem.

4. Análise dos resultados

Para compor os resultados, apontaremos três aspectos observados durante os quatros encontros da realização da oficina, a fim de analisar como a literatura pode aproximar o estudante do texto poético, nesta oportunidade o poema, e auxiliar de maneira positiva para o desenvolvimento da oralidade.

4.1 A leitura em voz alta

A realização da leitura em voz alta teve início logo no primeiro encontro, a partir do reconhecimento dos poemas durante o contato entre texto poético e leitor. Nenhum dos participantes apresentou dificuldade de leitura. Nesta ocasião inicial, percebeu-se que os alunos tinham dificuldade de concentração e realizavam a leitura apenas como um cumprimento de tarefa, quando havia equívocos entre pronúncias de algumas palavras, sentiam-se chateados e não prosseguiram com a leitura, sendo necessário incentivo para que continuassem. Observou-se também que como a primeira leitura era realizada apressadamente, sendo necessário a releitura logo em seguida, no momento de expressar sua opinião a respeito de aspectos presentes no poema, as opiniões eram expressadas com palavras soltas. Este fator não provocou alterações quanto ao andamento do encontro planejado, porém foram necessárias várias intervenções a fim de incentivar os estudantes a construir significados, reafirmando o papel essencial do professor quanto a criar situações para que os estudantes ampliem seu pensamento.

No segundo encontro, o grupo de estudantes já se portava de maneira distinta ao encontro anterior. Durante a leitura dos poemas, em voz alta, era notável o reconhecimento, ainda superficial, quanto à estrutura do poema. A entonação da voz tomava nova forma, adequando-se, mesmo que alguns ainda tímidos, à presença de rimas e atenção à pontuação, respeitando as mudanças dos versos e desta vez realizando uma leitura mais calma, tendo melhor controle da respiração. Entretanto, uma segunda leitura do mesmo poema continuou sendo feita e com isso foi possível perceber que “são inúmeras as possibilidades de arquitetura das vozes na leitura de um poema. Cada uma produz efeitos diferentes. Aliás, a cada vez que se enuncia um verso, ele já não é mais o mesmo.” (OLIVEIRA, 2011, p.295), ressignificando e atribuindo para a criação de novos tons.

No terceiro e quarto encontros da oficina, cada um dos alunos escolheu poemas para realizarem a leitura em voz alta, desta vez de maneira dramática/performativa. Durante esses encontros, alguns dos poemas foram escolhidos por todos os participantes como o poema “Bilhete”, de Mário Quintana, “Leilão de jardim” de Cecília Meireles, “Guaraná com canudinho”, de Sérgio Capparelli, entre outros. Foi possível observar um envolvimento maior entre texto poético e leitor, uma vez que a temática dos poemas se aproximava de suas realidades, de seus sentimentos e estimulavam sua imaginação. O ritmo, a entonação e a construção da melodia entre os versos foi via para fruição da leitura.

4.2 Desenvolvendo a oralidade

As primeiras manifestações dos estudantes no momento de oralizar sobre a temática dos poemas se deu através de palavras soltas, sendo necessário estímulos para que seus pensamentos fossem desenvolvidos e assim pudessem construir sentenças atribuindo sentido às suas colocações. Poemas como “Raridade”, “Paraíso” e “Convite”, de José Paulo Paes proporcionaram aos estudantes discutir de maneira mais ampla, estimulados sempre através de perguntas, temas que estão presentes em nossa sociedade, como os impactos ambientais ocasionados pela má preservação da natureza, a natureza e os elementos que a compõem e brincadeiras de sua infância, fazendo o movimento de resgate de memórias.

Observamos que poemas conhecidos pela maioria dos participantes aproximava-os diretamente do texto, criando maior segurança e espontaneidade para expressarem oralmente suas opiniões. “Bilhete”, de Mário Quintana, “Ou isto ou aquilo”, de Cecília Meireles foram os motivos para construção de longas discussões, trazendo à tona suas incertezas e a vontade de fazer várias coisas ao mesmo tempo, ou ainda de ter o poder da escolha. À medida que os encontros iam ocorrendo os alunos tornavam-se mais espontâneos, comunicando-se e trocando informações de modo mais frequente. Apesar de ainda apresentarem sinais de falta de concentração, principalmente quando chegavam agitados na sala, com estímulos, até os que inicialmente chegaram tímidos no primeiro encontro, mostravam envolvimento com o objetivo da realização do projeto, sendo notável as mudanças do primeiro até o último encontro.

4.3 A leitura dramática/performática

Na realização da leitura dramática/performática vários aspectos que a compõem foram observados, como a entonação e timbre da voz, suas modulações, a sonoridade do poema, a atribuição dos gestos corporais para compor a leitura unindo-se ao texto poético. No primeiro encontro, no momento de reconhecimento dos poemas, os alunos realizaram a leitura sentados. Se observarmos o fator ausente das contribuições corporais para compor a leitura, isso limitaria os estudantes quanto a expressividade, que está para além da pontuação presente no poema. O que no terceiro e quarto encontro foi possível observar positivamente, reafirmando que esse aspecto, assim como os demais mencionados, aproxima o leitor ainda mais do texto poético.

Na leitura do poema “Bilhete” de Mário Quintana, era explícito o sentimento que o aluno atribuiu, utilizando-se de diversas tonalidades da voz para expressar e enfatizar seus sentimentos. O mesmo ocorreu na leitura do poema “Trem de ferro” de Manuel Bandeira,

depois de discutirmos sobre sua temática de um trem em movimento. Assim, a leitura flui, em constante movimento, como se o trem estivesse ali e o aluno performando suas ações.

5. Considerações finais

A Base Nacional Comum Curricular (2018), alerta para a importância do desenvolvimento da oralidade, presente em diversas situações de interação, e compreende sob enorme relevância o tratamento das práticas orais que envolvem “Identificar e analisar efeitos de sentido decorrentes de escolhas de volume, timbre, intensidade, pausas, ritmo, efeitos sonoros, sincronização, expressividade, gestualidade” (p.79). É por meio da oralidade que realizamos expressões de sentimentos, emoções, construímos vínculos e transmitimos conhecimento. Seguindo esse caminho, a literatura apresenta-se como aliada neste processo de desenvolvimento da oralidade, dispondo de materiais de grande valor para despertar no indivíduo a ampliação de seu vocabulário para que este atue ativamente em situações comunicativas. Assim, a leitura do texto poético possibilita que a criança, o jovem e também o adulto crie um mundo imaginário repleto de significados que vai de encontro com suas vivências e possibilita a construção de novas experiências.

Nessa perspectiva, na execução desse projeto de ensino, pretendeu-se observar, através da realização de uma oficina de leitura de poemas lidos em voz alta, como a literatura pode auxiliar no desenvolvimento da oralidade, habilidade está muitas vezes deixando em segundo plano, mas que se relaciona com as demais habilidades, como a escrita e produção texto. O público-alvo para o qual a oficina foi destinada foram estudantes do oitavo ano que integram o Ensino Fundamental II, regularmente matriculados na Rede Municipal de Ensino, da cidade de Chapecó, em Santa Catarina.

Durante a realização dos encontros, percebeu-se que quando o texto poético apresenta elementos relacionados com suas vivências e se aproximam da realidade dos estudantes, o movimento de oralização em expor suas opiniões e construir significados torna-se efetivo. A compreensão da musicalidade do poema, as rimas, o ritmo, as diversas modulações do tom de voz, são aspectos de suma importância a serem observados e auxiliam na construção de sentidos do texto poético e colabora na expressividade de opiniões.

Arelado a isso, constatou-se que o incentivo por parte do docente, no movimento de transpor seus conhecimentos aprendidos durante a graduação de maneira a transformá-lo para transmitir com uma nova didática, assumindo assim como um novo objetivo do saber (HALTÉ, 2008), assim como também a importância do incentivo familiar, pois quando estes participam ativamente desse processo de aproximar o leitor do texto poético, estimulam a

criação de um ambiente seguro para que o estudante possa expressar seus sentimentos através da poesia.

Na etapa do Ensino Fundamental II, a literatura muitas vezes é utilizada apenas para resoluções de exercícios e acaba por distanciar o aluno do texto poético, invalidando seu real objetivo que é propor novos olhares e jogos de sentidos que provocam no leitor transformações, reflete no espaço em que ele ocupa, e muitas vezes, assim como reitera Oliveira (2011, p.282) “o objetivo de se ler um texto literário talvez seja justamente certa falta de objetivo, uma necessidade de se lançar no imprevisível”. A leitura em voz alta do texto poético propõe uma experiência direta com o texto, utilizando os recursos do próprio corpo, através da dramatização/performance, como forma de experimentá-lo de maneira mais afetiva. Para além de decorá-lo ou apenas repeti-lo, a leitura dramática/performática instiga o leitor a inová-lo e atribuir novos significados.

Com a realização deste trabalho, propomos desenvolver a habilidade de oralização que também contribui efetivamente para o desenvolvimento da oralidade, entretanto entendemos que trabalhar a oralidade extrapola em muito quanto a esse desenvolvimento, e esta não deve ser entendida apenas como a realização da leitura de textos, mas sobretudo quanto a oportunizar ao estudante desenvolver suas habilidades linguísticas para que sejam capazes de interagir e expressar-se diante das mais diferentes situações de interação.

Assim, reafirmamos a importância da presença dessa habilidade na sala de aula com metodologias de ensino-aprendizagem que estimulem os estudantes a se desenvolverem oralmente, tendo a literatura como base para a criação de um espaço para o expressivo, pois como afirma Oliveira (2011, p. 283) “No ato de ler, é permitido ao leitor, mais do que o encontrar-se, o perder-se, o devanear, sair do sério, sair de si, não ter tantas certezas, ficar em dúvida, jogar” possibilitando experimentação, assim sendo necessárias adaptações quanto às práticas de ensino em que muitas vezes limitam o estudante a desenvolver essa modalidade da língua tão necessária.

Referências

- BUARQUE, Jamesson. VALADÃO, Poliane. Oficina de leitura de poesia em corpo de voz. *In: BARROS, Deusa Castro. BUARQUE, Jamesson. Vivências poéticas, experiências de ensino*. Goiânia: Gráfica e Editora Vieira, 2010, v. 1, p. 89-102.
- BARROS, de Manoel. **Poesia completa**. São Paulo: Leya, 2010.
- BANDEIRA, Manuel. **Poesia completa e prosa**. Rio de Janeiro, Nova Aguilar, 1983. p. 192.
- _____. **Antologia Poética**. Editora Global: J.Olympto, 1976.
- CAPPARELLI, Sérgio. **Boi da cara preta**. Porto Alegre: L&M, 2010.
- CAPPARELLI, Sérgio. **Come-vento**. Porto Alegre: L&M, 1987.
- BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, 2018.
- FREITAS, Sara Helena da Costa; TEIXEIRA, Josina Augusta Tavares; MACHADO, Miriam Raquel Piazzzi. Desafios no ensino da oralidade. **Revista Cadernos de Estudos e Pesquisas na Educação Básica**. Recife, v. 2, n. 1, p.197-215, 2016. CAP-UFPE.
- FERNANDES, Maristela de Oliveira. **O impacto da literatura no ensino/aprendizagem da oralidade**. Belo Horizonte (UFMG), p. 01-61, 2015.
- HALTÉ, J. F. O espaço didático e a transposição. **Fórum Linguístico**, Florianópolis, v. 5, n. 2, p. 117-139, jul.-dez. 2008.
- QUINTANA, Mario. **Poesia completa**. (Org.) Tania Franco Carvalhal. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2005.
- MEDEIROS, Vera L. C. **Quando a voz ressoa na letra**: conceitos de oralidade e formação do professor de literatura. *Organon (UFRGS)*, v. 21, p. 1-10, 2007.
- MEIRELES, Cecília. **Ou isto ou aquilo**. Global Editora, 2014.
- OLIVEIRA, E. K. Leitura, voz e performance no ensino de literatura. **Signótica**, Goiânia, v. 22, n. 2, p. 277-307, 2011.
- PAES, José Paulo. **Poemas para brincar**. São Paulo: Ática, 5. ed. 1990.
- SANTOS, Diogo Fernandes; ABUD, Maria José Milharezi. O trabalho com a oralidade por meio do gênero poema na educação infantil. **Polifonia**, Cuiabá-MT, vol.27, n.48, p. 01-20, out-dez, 2020.

RESUMEN: La Base Nacional Común Curricular (2018) presenta la oralidad cómo una de las habilidades de gran relevancia en el contexto escolar, necesitando una mirada atenta a los métodos utilizados para su desarrollo en las clases. Además, la literatura permite al individuo desarrollar reflexiones, pues despierta sus emociones y amplía su visión del mundo. Ante esta perspectiva, la literatura se presenta como una facilitadora en el desarrollo de la oralidad. Así, el presente trabajo aborda la enseñanza de la literatura en la educación básica como una herramienta para el desarrollo de la oralidad y se centró en la realización de un taller de lectura de poemas en voz alta realizado por estudiantes que hacen parte de la Enseñanza Básica II. Cómo objetivos específicos se utilizaron estrategias metodológicas de enseñanza-aprendizaje con el fin de desarrollar la oralidad a través de la lectura de poemas, así como promover la realización por parte de los estudiantes a través de la recitación de poemas utilizando la entonación, interpretación, ritmo, pausas, rimas, incentivándolos a desarrollar significados, ampliando su comprensión de sí mismos y del mundo. Para dialogar con el tema propuesto, tenemos los aportes de Medeiros (2007); Oliveira (2011); Freitas, Teixeira y Machado (2016); Fernandes (2015); y Santos y Abud (2020). Se percibió que este espacio de la oralidad y de creación de juegos de sentido que posibilita la literatura es poco frecuente en las clases. Con esta propuesta buscamos incentivar a los profesores y futuros profesionales de la enseñanza a hacer presente la práctica de la oralidad en sus clases, incentivando a los estudiantes a tener mayor habilidad en todos los contextos sociales.

PALABRAS CLAVE: Oralidad; Enseñanza de poesía; Enseñanza de literatura.